



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE
Proprietario, director e editor
MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — Um pouco de sciencia — O direito de tossir — Notas Vagas. — Um novo livro. — Noticiario. — Necrologia.

Um pouco de sciencia

III

Vimos que a origem do som reside na vibração dos corpos elasticos. Tem essa vibração muitos pontos de semelhança com a ondulação de um pendulo. Dando a este um determinado comprimento, podemos facilmente verificar que o numero de oscillações é sempre o mesmo, n'uma certa unidade de tempo, quer sejam mais rapidas ou mais vagarosas essas oscillações. E' a essa propriedade que se chama o *isochronismo* do pendulo.

Com a vibração sonora dá-se exactamente o mesmo facto e portanto dois sons serão eguaes, em altura, sempre que correspondam a um numero igual de vibrações, seja qual fôr a lentidão ou presteza com que se succedam e seja qual fôr o corpo sonoro que as produza. A essa identidade no numero de vibrações, chama-se, em musica, *unisono*.

Ha muitos meios de medir com exactidão a altura de um som, pelo numero de vibrações produzidas durante um segundo, que é a unidade de tempo geralmente adoptada para esse genero de medições. O methodo graphico é o mais simples e consiste em munir o corpo sonoro de um pequeno estylete ou ponta, approximar-lhe no acto da vibração um cylindro de papel fumado e contar

o numero de zig-zags que o estylete desenhou durante um segundo.

Varios apparatus se tem construido para medir a altura dos sons, sendo os principaes o *Sonometro* do padre Mersenne, a *Roda dentada* de Savart e a *Sereia acustica* do barão Cagniard de la Tour. Limitamo-nos a descrever esta ultima.

Consta a *sereia acustica* (fig. 6) de uma caixa cylindrica de latão, tendo na parte inferior um tubo para injectar o ar e na parte superior um certo numero de orificios equidistantes e abertos obliquamente. Sobre esse tampo superior está adaptado um disco de latão com outros tantos orificios, tambem abertos obliquamente, mas em sentido opposto. Do centro d'esse disco nasce um eixo vertical ligado por meio de um parafuso sem fim a uma engrenagem destinada a servir um mostrador, cujos ponteiros nos indicam o numero de voltas que faz o disco n'uma determinada unidade de tempo.

O ar que se injecta pela parte inferior do apparatus, encontrando o duplo biés formado pelos orificios da parte superior, imprime um rapido movimento de rotação ao disco, e como só se dá a sahida do ar quando os orificios da caixa se encontram em presença dos orificios do disco, resulta uma serie de intermittencias que produzem um som. Esse som será tanto mais agudo, quanto maior fôr a rapidez do movimento rotatorio do disco.

O apparatus tambem póde funcçãoar na agua, pelo que se lhe deu o nome de *sereia*.

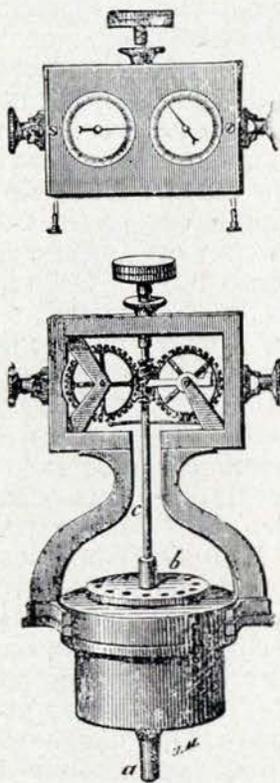


Fig. 6

Vem agora a proposito uma rapida referencia a um problema, que nem os homens de sciencia nem os artistas tem podido resolver. Qual é o limite dos sons musicaes?

E' tanto mais difficil de resolver este problema que esses limites variam de pessoa para pessoa, conforme a finura do ouvido, o habito de ouvir e outras causas.

As notas mais graves do piano e do orgão já teem um caracter musical muito indeciso e na orchestra, salvo as notas gravissimas dos timbales, não se desce áquem do *mi* do contra-baixo, que tem 82 vibrações. Todas as notas inferiores a essa são mais propriamente ruidos que sons musicaes.

Quanto ás notas agudas, dividem-se muito as opiniões. Savart pretende que as 31.000 vibrações longitudinaes dê um cylindro de vidro de 16 centimetros de comprimento, se ouvem distinctamente.

Diz o mesmo auctor que obtem 48.000 vibrações por segundo com uma roda dentada de grande diametro. Uns pequenissimos diapasones de Despretz dão até 73.000 vibrações e Koenig affirma que alem de 45.000 vibrações por segundo, o nosso ouvido é incapaz de julgar o som musical.

Como se vê, é impossivel chegar a um accordo, mas o que é certo é que os sons agudissimos nos produzem uma sensação dolorosa, um mal-estar, que nunca podem concorrer, nem mesmo episodicamente, para o prazer physico e espirital que temos o direito d'exigir da musica.

Os instrumentos musicos utilizam de resto uma limitada parte d'essa enorme escala de sons, excepção feita do orgão que abrange cerca de dez oitavas. No piano os sons vão de 54 a 8.400 vibrações. As notas normaes do violino produzem de 400 a 6.000 vibrações, as do contra-baixo de 80 a 350. A extensão maxima da voz humana tem os limites de 87 e 4.200 vibrações. Na orchestra chega-se, com o

oitavino, ao extremo agudo de 9.400 vibrações aproximadamente.

O facto de poder um instrumento produzir o mesmo numero de vibrações que um outro, não significa que esses dois orgãos sonoros sejam eguaes. As mesmas

notas, dadas successivamente por um piano e por um violino, ou por um violoncello e por um clarinete, não se assemelham senão pela altura em que se encontram na escala; sob o ponto de vista da qualidade divergem tanto, que mesmo os ouvidos pouco habituados podem determinar-lhes a procedencia. Na propria voz humana, varia a natureza do som de individuo para individuo. Varia até no proprio individuo, conforme a vogal sobre a qual se cantar. E' a essa variavel qualidade do som que se chama o *timbre*.

Consoante o modo de producção do som e as evoluções das molleculas postas em vibração, tomam os sons esse diverso caracter que constitue outras tantas feições do timbre musical. Mas o modo de vibração pôde ser identico, como, por exemplo, no violino e no violoncello, sendo o timbre aliás differente; e essa differença vem simplesmente do modo como se conduzem as molleculas do ar, postas em oscillação pelo corpo sonoro, durante o caminho que teem a percorrer. O methodo graphico, que já expuzemos para outras experiencias, define claramente, pelas variadas fórmulas do desenho, os diversos modos de vibração que constituem outras tantas modalidades do timbre.

Resta saber quaes são os factores, que implicam a formação de tão variadas ondas sonoras.

Quando julgamos ouvir um unico som, estamos realmente ouvindo uma série d'elles. Apercebemo-nos apenas do mais grave, sem reparar no cortejo de sonoridades que o acompanham em surdina, e que contribuem, pela sua discreta intervenção, para o enriquecimento do som principal. São esses sons accessorios, a que se chamam *harmonicos*, que de finem e constituem o timbre.

O 1.^o harmonico é a oitava do som fundamental, o 2.^o é a decima-segunda ou oitava da quinta; os que seguem são a oitava dupla; a decima-setima ou dupla oitava da terceira; a decima-nona ou dupla oitava da quinta, etc.

Até á decima-nona os harmonicos formam intervallo consonante com a fundamental; d'ahi para cima começam a produzir-se dissonancias e quando estas preponderarem na amalgama dos harmonicos, o timbre ha-de resultar necessariamente estridente ou por qualquer modo degradavel.

Um ouvido fino e attento distingue os harmonicos de qualquer som, principalmente os mais agudos; mas se quizermos salientar um d'esses sons accessorios, empregamos os *resonadores* de Helmholtz.

Consiste o resonador (fig. 7) em uma esfera ôcca, de vidro ou de metal, com duas aberturas; a uma d'ellas está adaptado um pequeno pavilhão e á outra um appendice pro-



Fig. 7

prio para se introduzir no ouvido. O volume d'ar que se contém na esfera corresponde a uma determinada nota. Sempre que esta se produza junto ao pavilhão, dar-se-ha a resonancia no singelo aparelho; mas se o som produzido não corresponder exactamente á nota especifica do resonador, não se dará esse effeito.

Com uma serie de resonadores, correspondentes ás diversas notas da escala, e analysando quaes são os que vibram no acto da producção do som, facilmente se descobre cada um dos harmonicos que o acompanham.

Faz-se uma experiencia semelhante com um conjuncto de diapasões dispostos do seguinte modo: na caixa de resonancia de um diapasão de grandes dimensões, que produz portanto uma nota bastante grave, dispõe-se uma orchestra de diapasões mais pequenos, que correspondem exactamente aos harmonicos do primeiro. Faz-se vibrar o patriarcha e depois todo o seu cortejo; o som que então ouvimos, apesar de harmonioso e cheio, dá-nos a impressão de ser um som unico. Mas se, approximando-lhe a mão, impedirmos a vibração do diapasão maior, ouvem-se então distinctamente todos os outros em accorde, visto faltar-lhes o baixo fundamental que por assim dizer os reunia em uma só sonoridade.

Deve-se essa bonita experiencia a Kœnig, que tambem imaginou as *chammas manometricas* para a analyse dos sons. No aparelho que reproduzimos na fig. 8 e que serve para analysar o timbre, estão combinadas as chammas manometricas, reflectidas em um espelho de quatro faces, com uma serie de resonadores correspondentes aos diversos harmonicos de um som.

Como se vê, o nosso ouvido tem uma curiosa illusão n'esta questão do timbre. Produzem-se simultaneamente varios sons e nós não ouvimos senão um. Ha phenomenos opticos que tem certa analogia com esse, como quando, por exemplo, uma serie de côres se sobrepõem para nos dar a impressão de uma côr unica.

Mas apesar de que a impressão recebida seja apenas a de um som, quando ouvimos determinada nota, é certo que a *sensação* é tão complexa que o conjuncto de pequenas notas

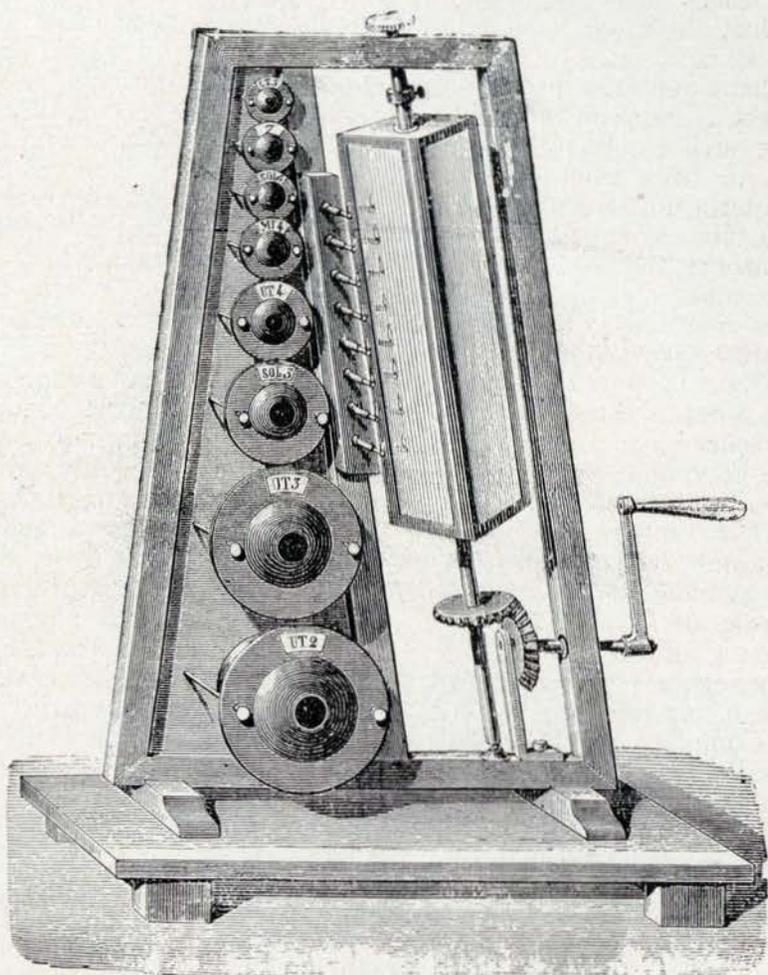


Fig. 8

que acompanham a principal são indicio bastante para conhecermos pela simples audição qual o instrumento ou voz que a produziu.

L.



6 direito de tossir

Ha o direito de tossir no theatro? E' uma questão que acaba de propôr aos seus leitores um jornal londrino, a proposito de um escandalo, que ultimamente se produziu no Saint-James-Theater.

E' o caso que certo expectador, dotado de optimos pulmões, se pôz a tossir com tal violencia durante alguns minutos, que os actores tiveram de interromper a scena e o publico começou a assobiar, reclamando violentamente a expulsão do incommodo expectador. Mas este, agarrado ao seu *fauteuil* d'orchestra, declarou peremptoriamente que ninguem o ar-

rancaria d'ali, pois tinha pago á entrada o pleno direito de tossir sempre que lhe aprouvesse.

E tinha razão o demonio do homem. O proprio director do Saint-James-Theater o declara na resposta que mandou para a folha londrina: — «E' bem lastimavel, diz elle, que o facto de ter pago o seu logar tenha de dar a qualquer invalido o direito d'importunar todos os outros expectadores, mas é assim. Eu não tinha portanto o direito d'intervir e só me restava a esperança de vêr expulsar o homem da tosse pelos seus visinhos da platéa. E note-se que a tosse é contagiosa: se um expectador começa a tossir, d'ali a dois minutos toda a sala tosse».

Recebeu o nosso collega de Londres muitas outras respostas, e ha uma que tem seu quê de philosophico:

Só se tosse nos theatros onde se representem peças maçadoras. Ponham peças divertidas que ninguém tosse na sala.



Cartas a uma senhora

159.a

De Lisboa.

Com quê, houve alguém que me apanhou em flagrante delicto de contradicção porque n'uma das minhas cartas— não me lembro já em qual— as romarias me inspiravam sentimentos totalmente diversos dos que manifestei outro dia?

Santo Deus? Que deliciosa coisa deve ser possuir memoria! Deliciosa e util.

Eu, mal de mim, não a possuo, e na impossibilidade de ir de corrida verificar o que é que em verdade teria escripto sobre o assumpto agora de novo controvertido, apenas advertirei que seguramente o que quiz significar na occasião é que tantas vezes as romarias acabavam em pancadaria grossa e desencadeavam ondas de mal contida selvageria.

Isso, porém, não lhes tira o pittoresco nem lhes diminue a importancia; trata-se, quando muito, d'uma questão de policia e de maior dóse de precauções da parte dos elementos dirigentes d'essas festas ao divino, mas onde o animal mais ou menos humano tem logar primordial.

Ah! Eu bem sei que muito mais moralizador e não menos bello seria, e será, ir transformando essas sobrevivencias de idades antigas em nobres commemorações de caracter civico e historico, que ao mesmo tempo que distráiam, edifiquem.

Nem tão pouco ignoro que estas poderiam e poderão ser igualmente, ou mesmo superiormente, estheticas e revestidas da mais aprimorada arte.

Convem todavia não esquecer que uma tal modificação nos costumes e tradições de todo um povo é funcção de tempo e de propaganda, e que suppõe o trabalho prévio de educar na escola e no lar as camadas infantis que vem surgindo...

Antes, affigura-se-me prematuro e talvez contraproducente, pois uma parte das gentes lusas ainda não attinge bem o que venha ser isso de festas civis de ambiente artistico ou de reconstituição historica, e tirar-lhes as romagens religiosas, onde aliás tão largamente entra o forte e salutar elemento naturalista que n'ellas enxertou o paganismo, quasi sempre benemerito, e a miude tão suggestivo e tão lindo, creio eu, á falta de melhor auctoridade, ser operação perigosa— e imbecil. Sobretudo imbecil.

Eis, sem duvida, os motivos que me levaram e levam a ter no devido apreço as procissões e romarias, sem que de nenhum modo pretenda contestar a parte de superstição baixa ou de instinctiva brutesa que ellas denotam ou podem mesmo trazer á superficie.

Eduquemos, eduquemos e então será facil converter essas solemnidades de ingenua fé idolatra em manifestações de consciente entusiasmo civico. Mas até lá contemporisemos.

Julgo estar assim explicada a minha real ou apparente divergencia de criterio na maneira de encarar um mesmo facto e só me resta lamentar se estreitezas, d'um sectarismo que tem tanto de anti-politico e de anti-esthetico que nem vale a pena combate-lo, porque a si proprio se combate, levarem espiritos pseudo-philosophicos ou pseudo-comprehensivos a attentarem, sem os devidos resguardos, contra uma das mais fundamentaes e poderosas forças animicas do agglomerado social português.

Felizmente não acredito que tal venha a succeder, e ao contrario espero que com muita sensatez se aproveitarão até algumas d'essas datas de festividades regionaes para, como se já vae realisando, sem lhes tirar o cunho religioso que as justifica ou determina, pouco a pouco se lhe irem adicionando *numeros* de feito leigo mas envolvendo, a par da indispensavel belleza decorativa, a opportuna lição de convergencia social e de catechese psychica.

Assim-governos e governados se lembressem sempre, ou pelo menos se lembressem algumas vezes, de aggregar ás collectividades que n'estes assumptos interveem alguns artistas, alguns poetas, alguns representantes emfim do pensamento ou da emoção, visto serem elles que presumivelmente, melhor e com mais desinteresse material e maior altura moral e mental, condensarão a alma da nação nos seus aspectos superiores e idealistas, e na sua continuidade social e ethnica.

Conforme verifica, querida amiga, ainda n'este ponto, como afinal em quasi todos, vimos inevitavelmente a entroncar n'uma linha de pura essencia esthetica, o que *ex abundantia* prova quanto a arte está no fundo de tudo e quão mal vae aos povos ou aos individuos que releguem para um plano inferior essa necessidade, por assim dizer visceral de todo o ser, de sentir em volta de si a poesia traduzida no som, na côr, na fórma, e mergulhando cada uma das radículas da individualidade physica ou da consciencia ethica na divina, na luminosa, na inextinguivel nascente do Ideal...

Affonso Vargas.



Um novo livro

Acabamos de receber um novo volume de chronicas de Paulo Osorio. Intitula-se *No Fado* e contem artigos de critica litteraria, dramatica e musical, e grande numero de apreciações sobre pessoas e factos, em que basta a inspecção das cabeças de capitulo para nos abrir o appetite de uma leitura pausada e gulosa.

A parte musical do livro parece nimiamente valiosa; n'ella se visam assumptos de maior ou menor actualidade, mas sempre interessantes, quando tratados por uma penna de rija tempera, como a de Paulo Osorio. O nosso theatro de S. Carlos e os seus frequentadores, a obra wagneriana, o nosso pianista Vianna da Motta, a diatribe do auctor com Antonio Arroyo, os theatros lyricos, a cantora Storchio, e as considerações sobre varias operas modernas, constituem outros tantos capitulos que nos desafiam a uma leitura immediata, e nos fortalecem na intenção de não pôrmos o volume de parte sem o havermos integralmente apreciado.

Referindo-se a esses artigos, diz o proprio auctor no prefacio:—«A segunda parte, mais homogenea, é constituída por artigos de critica musical.

E' de crêr que esta ultima não encontre leitores. Na hora em que este livro é entregue á

imprensa, o Tribunal do Commercio de Lisboa julga a fallencia d'um empresario a quem Lisboa deve o ter ouvido cantar em francez operas-comicas francezas e, integralmente e por artistas allemães, a tetralogia dos Nibelungen. A ruina d'esse empresario attribue-se, em muito grande parte, ao facto de a mudança de instituições ter afastado do unico theatro d'opera portuguez o publico de *snoobs* que o frequentava e de a falta d'esse publico não ter sido supprida pela concorrência d'outro mais culto, ou pelo auxilio, facil de justificar, do proprio Estado.

Isso demonstra, em primeiro lugar, que a apparente devoção que fazia encher de gente, todas as noites, a sala de S. Carlos em épocas transactas, não era mais que um apparatus, dispendioso até ao sacrificio, que uma sociedade janota se permittia pela simples basofia de amostrar-se perto do sitio onde poisava um rei. Em segundo lugar, demonstra que a deficiencia de educação esthetica do povo portuguez lhe não consente ainda interessar-se pela arte que Gevaert, o sabio Director do Conservatorio de Bruxellas, disse ser, entre todas, aquella cuja cultura foi mais remotamente reconhecida como util a uma sociedade civilizada. Isso quer dizer, ainda e por fim, que os poderes do Estado, por embaraços de ordem financeira ou pelo democratico escrupulo em arrostar com a opinião provavel d'uma maioria dominante, não ousam, n'esta lua de mel d'um regimen que se pretende dar fóros de austero, considerar um theatro de musica como S. Carlos, não só como indispensavel para desmentir um pouco a insistencia com que lá fóra se acreditam os maus geographos que nos põem em Africa, como tambem sob o aspecto pouco desprezavel da sua influencia na vida economica d'uma cidade como esta.

N'essas circumstancias, é evidente que o publico portuguez se não interessa por questões de semelhante natureza e que não basta o esforço isolado d'um ou d'outro para da importancia d'essas questões o convencer. Artigos como aquelles que compõem a segunda parte d'este volume, apenas valem para a consciencia de quem os escreveu, como o documento d'um dever que foi grato cumprir. Mais tarde, se um dia as novas instituições puderem ser, sinceramente e authenticamente, alguma coisa de maior e de melhor do que foram as outras, porventura essas paginas modestas e desordenadas servirão como subsidio n'uma campanha para que se faça, pela iniciativa ou com a coadjuvação real dos poderes publicos, tudo quanto em materia de educação artistica n'este paiz ainda se não fez. E será então o ensejo de incitar as gentes que governam para que d'esse velho S. Carlos, construido em honra da esposa jovial do rei D. João VI e mantido por

tantos annos em proveito e louvor d'uma aristocracia de pechisbeque, sáia alguma coisa em termos de influir na educação esthetica do povo ou, o que o mesmo quer dizer, no que de mais intimo e de mais nobre exista na formação da sua entidade moral».

Não ha ahi muitas verdades que estão no espirito de nós todos?

O conhecimento que temos de outras obras do talentoso homem de letras e o juizo que sempre fizemos da sua hombridade critica, são para nós garantia segura de que os diversos capitulos que vamos lêr não desmerecerão da sinceridade e desempenho com que é redigido o prefacio.

Aos editores da obra, srs. Magalhães & Moniz, livreiros no largo dos Loyos (Porto), agradecemos o exemplar com que fomos brindados.



PORTUGAL

A nossa capital tem-se singularizado ultimamente pela suspensão, quasi absoluta, de toda e qualquer manifestação musical. Os concertos e audições, em que um publico aliás restricto parecia comprazer-se, cederam o passo a especulações de outra indole e a preoccupações d'interesse geral, que as circumstancias da vida nacional tem de algum modo imposto á população pensante.

Será uma vantagem? Será um perigo para a natural expansão da nossa arte ou um desestímulo para os nossos artistas?

Não é por ora occasião de nos pronunciarmos a esse respeito e queremos mesmo suppôr que as nossas ideias particulares sobre o assumpto estarão bem longe de ser do agrado de todos...

E' comtudo certo que, n'esta quadra do anno, se não póde exigir em Lisboa, d'onde tanto a burguezia rica como a remediada tem emigrado para as costumadas estações estivaes, a actividade musical a que vimos habituados. Veremos o que nos dá o principio do inverno e façamos votos para que essa actividade se traduza em manifestações sérias e educativas e não em *blagues*, mais ou menos habilmente preparadas, como algumas a que tivemos occasião de assistir em epocas transactas, que não significam senão a inconsciencia de quem as

promove e, para as victimas pagantes, um motivo de tédio e de afastamento.

Entre os emigrantes conta-se, naturalmente, a fina flôr da nossa sociedade musical e pena temos que, por circumstancias obvias, se limite o nosso serviço de reportagem a uma acção quasi nulla, quando exercida fóra da capital. Poderíamos, se assim não fosse, informar os nossos leitores de algumas interessantes audições de que vão gozando, por essa provincia fóra, as nossas principaes praias e estancias de thermas, graças ao *déplacement*, quasi protocolar n'esta época, dos melhores artistas e das mais distinctas amadoras de Lisboa e Porto.

Assim, é quasi por acaso que tivemos conhecimento de uma brilhante festa que se realisou nas Pedras Salgadas em 19 d'este mez, em beneficio do Quarteto hespanhol escripturado pelo Casino para a presente estação thermal. Dizer que n'ella tomou parte a brilhante pianista lisbonense, sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, é o bastante para se ajuizar da importancia artistica que assumiu a festa; e de facto a gentil concertista, nas peças que lhe couberam, *Dois preludios* de Alkan, *Nocturno* de Chopin, *Canções andaluzas* de Mariani e *Chula* de Vianna da Motta, poude apreciar mais uma vez, confirmado em calorosas ovações, o entusiasmo com que é sempre escutada. Tambem collaboraram no concerto, sendo largamente applaudidas, as sr.^{as} D. Luiza da Fonseca Mourão e D. Bertha Arroyo de Nogueira Pinto, muito distinctas cantoras-amadoras.

Outra das nossas distinctas artistas mais talentosas, a sr.^a D. Africa Cabral, poude tambem evidenciar os seus meritos no Estoril, onde se encontra a passar a estação calmosa. A ultima noticia que temos d'ali é datada de 13 e diz-nos ter feito profunda impressão a maneira como a illustre *diseuse* cantou a *preghiera* da Tosca durante a missa que n'essa data se realisou na igreja de Santo Antonio do Estoril. O colorido e sentimento que imprimiu á formosa melodia, juntos aos encantos de uma voz primorosa, commoveram fundamentalmente, ao que nos dizem, o compacto grupo de fieis, que tiveram a fortuna de a ouvir. Foi acompanhada no orgão por seu irmão, o professor Aroldo Silva, que tambem executou varios trechos a sólo.

Consta-nos tambem que os dois excellentes artistas partirão em breve para as Pedras Salgadas, onde contam dar um concerto.

Na fila dos amadores-veraneantes devemos tambem incluir D. Luiz da Cunha e Menezes e sua interessante filha, D. Bertha, que, respectivamente no violoncello e no violino, tem feito as delicias dos frequentadores de Cascaes,

tocando alguns trechos durante o serviço religioso dos domingos.

*
**

Para reger as aulas de declamação do Conservatorio de Lisboa, foram nomeados a actriz Lucinda Simões e os actores Augusto Rosa e Antonio Pinheiro. Consta porém que só o ultimo aceitará o encargo.

*
**

No *Commercio do Porto* de 24 do corrente, prosegue-se em folhetim o bello estudo sobre a musica russa, devido á pena erudita de Bernardo Moreira de Sá, e a que já alludimos anteriormente.

*
**

Está novamente entre nós o distincto professor e concertista Alfredo Napoleão. No proximo dia 2, realisa no salão da *Illustração Portugueza* um bello *recital*, em que alem da *Clair de lune* de Beethoven e varias obras de Bach, Chopin e Liszt, apresentará diversas composições suas.

Entre as novidades do concerto figuram um *Hymno á Republica* e uma marcha solemne com o titulo de *Salve, oh, Patria!* ambas para dois pianos. Toca o 2.º piano o distincto professor Julio Silva.

*
**

Consta que o talentoso violoncellista David de Sousa virá a Lisboa no proximo inverno, afim de dar alguns concertos com um «Trio» por elle organizado em Paris.

São seus *partenaires* o pianista B. Socias e o violinista André Mangeot.

*
**

Está nomeado para o logar de secretario do Conservatorio o sr. Ribeiro de Carvalho, indigitando-se para o de director do mesmo estabelecimento o illustre professor Francisco Jorge de Sousa Bahia.

*
**

Com ligeiras modificações sobre as condições anteriormente fixadas, publicou o *Diario do Governo* de 23 o novo aviso e programma para a adjudicação do theatro de S. Carlos durante os proximos tres annos.

Cada época lyrica será de tres mezes, pelo menos, com 50 recitas de assignatura ordinaria. O adjudicatario é obrigado a apresentar em cada anno uma opera nova de auctor consagrado, portuguez ou estrangeiro. Dará tambem quatro recitas populares em cada época, a meios preços.

A empreza depositará 7:000\$000 réis de garantia na Caixa Geral dos Depositos e o pagamento das assignaturas será effectuado no local e pelo modo que o governo opportunamente designará, não podendo as emprezas retirar a sua respectiva importancia senão atrazadamente de cinco em cinco recitas.

Termina hoje o praso do concurso, mas como temos que dar o original á imprensa com alguns dias de anticipação, não podemos por ora informar os nossos leitores de qual ou quaes os nomes dos concorrentes que se apresentaram. O que corre comtudo com mais insistencia é que será a empreza do Real de Madrid, que tomará tambem o nosso S. Carlos.

*
**

Em separata do *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes* acaba de publicar-se mais uma colleção de subsidios para a historia da musica em Portugal, devidos á incansavel investigação d'esse trabalhador intemerato que foi Sousa Viterbo, cuja falta, no nosso mundo litterario e musical, se ha de sentir ainda durante longos annos.

A nova série de subsidios, que visam a *Musica sagrada em diversas terras do reino*, foi dada á estampa sob a amorosa vigilancia da Ex.^{ma} Sr.^a D. Sophia Viterbo, filha do pranteado escriptor, á qual muito agradecemos a offerta de um exemplar.

ESTRANGEIRO

Os jornaes estrangeiros deixam antevêr a possibilidade de haver representações wagnerianas em Bayreuth no verão de 1912. Parece comtudo que nada se poderá resolver de definitivo, sem conhecer o resultado financeiro da época actual.

*
**

De 22 a 25 de outubro haverá em Heidelberg grandes festas para commemorar o centenario do nascimento de Franz Liszt.

Para a série dos concertos, que vão realizar-se, conta-se com o concurso de grandes notabilidades — Max Schillings, Eduardo Risler, Ferruccio Busoni, Richard Strauss, Camillo Saint-Saëns e outros. A *Sociedade Bach* e a *Academia de Canto* tambem tomam parte n'essas audições.

*
**

Na aldeia da Raiding, terra natal de Liszt, constituiu-se ha pouco um pequeno museu em honra do celebre pianista-compositor.

*
**

O maestro Leoncavallo, que está villegiaturando em Montecatini, deu os ultimos toques

á sua operetta *Reginetta*. Espera concluir a sua proxima opera, *La foresta mormora*, durante a primavera de 1912 e tem já na forja um poema sobre o *Prometheu*.

*
**

Restricções no theatro: Os catholicos de Albany (Estados Unidos) conseguiram que fosse interdicta sobre os palcos a figura do Christo. A mesma prohibição fez o imperador da Alemanha, mas com respeito... aos membros da casa imperial.

*
**

Adelina Patti, cujas recitas de despedida já não tem conto, contractou-se com o celebre empresario Harris para uma *tournee* de despedida na America. Não rezam as chronicas sobre qual a cifra de honorarios que o contracto menciona, mas recordam-se os *cachets* fabulosos que a *diva* percebia nos seus tempos aureos. Na sua grande *tournee* pela Europa, teve em tres annos a bagatella de 320 contos; em New York, cada recita dava-lhe 5 contos e... *cost via discorrendo*.

*
**

Diz o *Musical America* que Paderewski e Ysaye estão escripturados para uma série de concertos nos Estados Unidos, durante a época de 1911-12. O primeiro recebe um milhão de francos por 80 concertos e o segundo meio milhão por 100 concertos.

*
**

Uma publicação nada banal é a que vae fazer a viuva de Wagner, sob o titulo de *Franz Liszt, une page de souvenirs, par sa fille*.

Sabe-se que Ricardo Wagner, no seu grande egoismo d'homem celebre, não se cançou muito em exteriorisar, em favor do sogro, a gratidão que lhe deviam merecer todos os serviços que elle lhe prestou e a admiravel abnegação e desinteresse que sempre mostrou em seu favor. E' bem louvavel que a filha de Liszt e da condessa d'Agoult não deixe perder a occasião do centenário para engrandecer a memoria do grande artista; mas difficilmente fará esquecer que, em Wahnfried, nunca teve Franz Liszt o logar que de direito lhe pertencia, que era incontestavelmente o primeiro.

*
**

Com o *Tristão e Isolda* começaram as representações festivas no theatro do Prinz-Regent, em Munich. Ao mesmo tempo que se dão os espectaculos lyricos nos dois theatros d'essa cidade, ha grandes concertos no Tonhalle, em que além das nove symphonias de Beethoven

se passarão em revista as melhores obras orchestraes de todos os tempos.

*
**

Na bibliotheca de Santa Cecilia, em Roma, conservou-se um hymno inedito de Liszt, *Inno a Roma*, que foi escripto na villa d'Este, em Tivoli, no ultimo periodo activo da sua longa existencia.

Antecipando-se sobre a verdadeira data das festas do centenário, a sociedade coral «Euridice» de Bolonha, executou solememente esta obra em 20 d'este mez.

*
**

O theatro de S. Carlos, de Napoles, abriu concurso para a composição de uma opera nova que será posta em scena na proxima época. Concorreram uns 17 compositores, mas foram apenas admittidas ao concurso seis operas, entre as quaes se escolheu, depois de grandes discussões, uma peça de Guido Laccetti, intitulada *Hofmann*.



Com o desaparecimento de Dolores Rentini perde a nossa opereta uma das suas mais fulgurantes estrellas.

Era a distincta actriz-cantora oriunda de familia italiana, mas havia feito a sua educação musical em Madrid, em cujo conservatorio tinha conquistado o 1.º premio de canto. A voz era formosissima, se bem que um tanto fria, como frias eram as suas attitudes e inflexões de actriz. Vindo para Portugal, onde, apesar do que deixamos dito, creou innumeradas sympathias e admirações, aqui se fixou e aqui casou, fazendo do nosso paiz a sua patria d'adopção.

Estreiou-se no Porto, em 1898, com a companhia Taveira, e um anno depois, escripturada pela empreza Palha, veiu debutar em Lisboa, tendo extraordinario exito em qualquer das cidades; para isso não concorreu pouco, a par dos dotes vocaes, excepçoes na nossa operetta, a gentileza e seducção do porte. Depois, veiu o *enbonpoint* e a fadiga da voz, o que não impediu que a Rentini continuasse a gozar as boas graças do seu publico.

O fallecimento da sympathica artista deu-se em Pernambuco, onde foi victima da febre amarella.